

24-02-2025

# MOQUECA CAPIXABA

## Josué Euclides Hetinguer

(Empreendedor – Economista Doméstico)

Será que eu consigo chegar no Espírito Santo ainda hoje? Já passava das três da tarde. De Quissamã eu ia para Anchieta, a 240 km.

Meu problema é que eu teria que me afastar das praias. Pegar a BR depois de comer as gostosuras de Maria Célia era quase uma penitência, mas como se eu havia sido protagonista de um milagre? Encarei. Farol baixo, farol alto e vice-versa, perdi o prumo e quase o rumo. Cheguei em Anchieta quase dez horas da noite, mas cheguei feliz. Eu era outro e pronto. Aliás, quando minha mãe fazia penitências de perdões e pedidos e promessas para Santa Catarina de Alexandria, nossa padroeira, nenhuma dava certo, pelo menos pra mim. Hoje lembrando minha mãe rezando acho que eu estava enganado. E lembrei da palavra penitência porque não precisei pagar nenhuma. Milagre de Iansã. Eu já tinha percorrido 1600 km, de Floripa até aqui. Não escolhi Anchieta por causa do Padre. Quando eu era criança não gostava daqueles homens com aquela batina toda preta parecendo um morceirão. E, por sorte, minha mãe não ficava me obrigando a ir à missa. Eu dizia que meu joelho doía muito com aquele negócio de senta, levanta, ajoelha. Confesso que era mentirinha.

Como vocês já perceberam, além de ridículo e óbvio eu já mentia desde menino. E por causa das minhas mentirinhas da viagem eu me transformei numa pessoa feliz. Hoje sou sincero, mas continuo com minhas mentirinhas do bem. Até porque pra trabalhar com economia doméstica a gente mente o tempo todo pro orçamento. ....

Quando aprendi a ler com 5/6 anos eu fiquei encantado com as letras. Ficava juntando as letras e inventava palavras. Depois de levar muita bronca com as palavras inventadas, o que me atrapalhava pra aprender as palavras “de verdade”, acabei abandonando essa mania. Mas nunca perdi o encantamento. Tanto que eu nem falei com vocês, fiz dois anos de literatura, mas abandonei. Eu já estava achando o curso meio chato e um dia encontrei um colega de infância que estava estudando medicina. Quando eu disse que fazia literatura ele perguntou: *E você vai viver de que? Vai comer livro e passar fome?*

Foi a senha pra eu decidir tirar o time. Mas... o encantamento com as letras nunca me abandonou, mesmo depois de eu ter me encantado com os números no curso de economia doméstica. Quando escolhi Anchieta no roteiro foi por causa das letras A no início e A no fim. E no meio não tem nenhuma letra repetida: N-C-H-I-E-T. Logo pensei: começo no A e, não dando certo, termino no A. Logo, posso recomeçar... Cheguei, dormi na primeira hospedagem que encontrei, não sonhei com Célia mas acordei lembrando dos ovos da Luziane.

Andei pela cidade durante toda a manhã. Com a fome apertando e o meu novo vício de conversar de coisas boas com pessoas boas, fui à cata de uma moqueca capixaba. Lá em Floripa eu já tinha ouvido falar desse prato famoso. Entrei na Moqueca do Garcia e logo vi que o Leopoldo era gaúcho. *Tu é gaúcho tchê?* Ele era de São Leopoldo. Muito sorridente e engraçado, conversamos sobre nossas terras do sul, enquanto preparavam a moqueca. *E como é que tu veio parar aqui, tchê?* Já éramos amigos, nessa altura. Minha sorte que não me abandonava tinha me reservado um restaurante vazio e um garçom exclusivo. *Meu pai que era meio burro, ele era legal mas era burro, resolveu me chamar de Leopoldo. Imagine, em São Leopoldo, chamar um guri de Leopoldo. Bá. A vida inteira me sacanearam. Meus apelidos eram Santo, Santinho, São Poldo. Tu acredita que nunca me chamavam de Leo? E eu posso te chamar de Léo? Claro... é um bálsamo ser chamado assim. E como é que tu chegou aqui? Quando eu tinha 19 anos já pensava em ir pra São Paulo ou pro Rio, buscar meu caminho. Ai, um colega começou a encher meu saco me chamando de Santinho sem parar e aí dei-lhe um murro.* Léo não esperou as consequências, foi embora. Soube depois que havia quebrado vários dentes do gajo. Depois de passar por algumas cidades de São Paulo acabou em Anchieta quando trabalhava como ajudante de caminhão. Era alta temporada e estavam loucos precisando de garçons. Ficou. ....

Léo me deu uma aula de relações trabalhistas de garçom. Disse que conhece quase todos os garçons de Anchieta e que cada estabelecimento, às vezes do mesmo patrão, tem uma forma de lidar com a remuneração do garçom. *É uma verdadeira bagunça com a carga horária, hora extra, trabalho noturno, folga semanal (escala 6X1) e, principalmente, com a questão da gorjeta. Quando a gorjeta sai na conta tem os descontos que variam de estabelecimento e a gente nunca sabe direito o que é o quê. Quando o cliente quer te dar a mais, o dinheiro some. Se a gorjeta não sai na conta, tem briga entre os garçons por causa do número de atendimentos, a disputa de cliente e de mesa. Se tem caixinha única sempre dá confusão. O pessoal da cozinha geralmente não ganha. E vai por aí.* Naquela época ainda não havia o trabalho intermitente, estabelecido desde 2017. Em locais de turismo sazonal, caso de Anchieta, hoje é um dos contratos mais utilizados. Além desses problemas Léo falou muito sobre a relação com a clientela. *O que mais me chateia é a forma como as pessoas tratam a gente. Chamam a gente de Zé, de Mané, de Psiu, de Hei, estalam os dedos, é Oi - Oi, alguns gritam. Se acham que está demorando, a culpa é sempre sua. Os gringos ficam irritados porque a gente não entende o que eles querem...*

Mas, sempre rindo, Léo termina dizendo que tem uma renda razoável e que gosta muito de seu trabalho. Saí de lá feliz brincando com as letras. Entrei com A de Acolhido, saí de lá com A de Agraciado.

No meio, as letras com seu significado: Notável Camarada Honesto Inteligente Engraçado Transparente. ANCHIETA até algum dia. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.